

ESCUTANDO *CONVERSAS COM VIRGINIA WOOLF*

PINHO, Davi; OLIVEIRA, Maria A. de; NOGUEIRA, Nícea. *Conversas com Virginia Woolf*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020.

“Vindo de estreitas províncias, / de peixe, de pão e de chá, / [...] um ônibus, num fim de tarde, / vai seguindo para o oeste” (Bishop: 2012, p. 343). Faz uma parada paciente para uma viajante embarcar sozinha, após beijar e abraçar sete parentes, sob a supervisão de um cachorro. O motorista dá a partida e segue pelas estradas da Nova Escócia através da noite que cai. “Os passageiros relaxam. / Uns roncam. Outros suspiram.” (*ibid*, p. 347) Dos bancos de trás, uma conversa chega bem lenta, convidativa à atenção, porque ainda que não se conheça os interlocutores, as vozes são familiares, são vozes de Avôs e Avós. Marcadas pela letra maiúscula no poema¹, as vozes que falam na repetição eterna da memória são vozes da intimidade atemporal, são índices de um conceito comunicável e localizável nesse saber prévio da experiência pessoal. A conversa alheia é, portanto, hipnótica, uma alucinação sonora que se mistura ao sono da passageira solitária – o que ele disse, o que ela disse, alguém que se aposentou, casamentos, mortes, doenças. “Ele passou a beber. / É. Ela caiu na vida.” (*ibid*, p. 349) E a conversa daqueles com quem momentaneamente se divide um destino traz da memória aquelas outras, escutadas através das paredes nas noites da casa de infância, a Casa que o ônibus vai deixando para trás, no tempo e na geografia, sem jamais apagar sua insígnia de pertencimento e afeto. “Falando como falavam / no velho colchão de penas, / bem baixinho, sem parar, / lampião aceso na entrada, / e na cozinha a cadela / dormindo, enrodilhada.” (*ibid*, p. 351)

A experiência evocada em “O Alce” permaneceu com Elizabeth Bishop por um quarto de século antes de receber articulação final em palavras. Em agosto de 1946, mesmo mês da publicação de seu primeiro livro, *North & South*, Bishop viajou para Great Village, Nova Escócia, pela primeira vez desde a morte de seus avós maternos, com quem vivera na infância por algum tempo, retornando para férias de verão diversas vezes. Após a visita do verão de 1946, embarcara no ônibus que a levaria de volta a Boston na estrada, em frente à fazenda de sua tia Grace, a quem dedicaria o poema em 1972, quando este finalmente tomou forma. Convidada a compor um poema para uma cerimônia de formatura Phi Beta Kappa em Harvard, posição prestigiosa que já fora ocupada por Carl Sandburg, T. S. Eliot, Robert Frost e W. H. Auden (cf. Marshall:

¹ No original, “[...] but recognizable, somewhere, / back in the bus: / Grandparent’s voices / uninterruptedly / talking, in Eternity.”

Adriana Jordão

Professora Adjunta de Literatura Norte-Americana na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
E-mail: adriana.jordao@live.com

2017, p. 228), Bishop retoma o evento e suas tentativas iniciais de escrita de décadas antes. É a primeira vez que escreve um poema com um prazo determinado.

Frank Bidart, amigo de longa data, conta que terminar o poema foi uma crise para Bishop; aproximadamente uma semana antes da leitura pública para centenas de pessoas, “O Alce” ainda não estava pronto. Bidart, Bishop e Alice Methfessel, companheira da poeta à época, haviam combinado uma viagem de fim de semana para Bermuda e elas insistiram que eles deveriam ir, mesmo com a proximidade da data da cerimônia e a premência de terminar o poema. No avião, Bishop lê para o amigo os versos já escritos e vai decifrando as correções feitas por ela e preenchendo na conversa, na leitura em voz alta, as lacunas deixadas nas frases para tentar mostrar ao interlocutor o arco narrativo do poema inacabado. Embora algumas frases tenham sido modificadas posteriormente, quando o avião pousou, Bishop tinha em mãos um rascunho completo de “The Moose” (cf. Fountain; Brazeau: 1994, p. 289-291).

É no ato da narração, da elaboração em palavras para um destinatário-interlocutor, ainda que este seja um caderno ou diário, que a inteligibilidade das palavras alcança o evento que era latência no imaginário. A linguagem, mediadora inescapável para dar figuração ao pensamento, precisa de um pente para desembaraçar seus muitos fios, organizá-los em um padrão cognoscível, como a mão do artesão fia o tecido, um método para montar sua história, seu enredo. A experiência da narração, de contar uma história ou ouvi-la, de elaborar um pensamento em narrativa ou capturar na narrativa escutada o entendimento do pensamento – a experiência da conversa, portanto – mostra-se como um pente possível. A conversa é exercício e estratégia – de conexão, entendimento, diferença, contraditório, rasura, expansão, rearranjo, insistência, encenação do pensamento ou forma de organizar experiências.

Em “A conversa com um ‘método’ filosófico em Virginia Woolf”, texto prefatório ao livro *Conversas com Virginia Woolf*, o professor Davi Pinho, que organiza o volume com as professoras Maria A. de Oliveira e Nícea Nogueira, comenta a ligação etimológica de conversar com “coexistência e convivialidade” (Pinho: 2020, p. 12), indicando a ação de comunhão no ato da conversa. O pesquisador propõe “que a conversa pode ser depreendida como um dos muitos métodos filosófico-literários em Virginia Woolf” (*ibid*, p. 12) e que este método apresentaria uma possibilidade à escritora inglesa de tratar da convivência na diferença, da abertura ao contraditório, do contraponto, da resistência a sistemas totalizantes, do “despertar para modos não hierarquizados de produzir conhecimento”. (*ibid*, p. 14) Afasta-se aqui a noção de método como regra única para se atingir um dado objetivo e abre-se o sentido de um “processo de experimentação por meio da escrita: a procura por *um* novo (e, portanto, sempre temporário, insuficiente e transitório) caminho.” (*ibid*, p. 16, ênfase no original)

É verão nos Reais Jardins Botânicos de Kew e um caramujo analisa os possíveis modos (métodos?) para ultrapassar uma folha seca, enquanto por seu canteiro passa “uma multiplicidade de vozes capazes de representar a vida moderna a partir de diferentes pontos de vista” (Faria; Philippov: 2020, p. 61). As pessoas vão passando e deixando no ar, como as borboletas que por ali voam sem rota estabelecida, suas conversas, ou melhor, seus fragmentos de conversas. O que pode parecer aleatório,

afirmam as autoras do capítulo 2 de *Conversas*, “refletem uma seleção cuidadosa por parte de Woolf” (*ibid*, p. 61), uma seleção que não se mostra prescrição imediata de conceito moral ou filosófico, mas um capturar de momentos da vida em si mesma, provocações ao pensar, iscas para o leitor capturar suas próprias reflexões. Uma conversa.

Assim também as conversas que os pesquisadores apresentam neste *Conversas com Virginia Woolf* surgem como uma seleção cuidadosa de seus organizadores, provocações diversas que se juntam como partes de um grande globo de espelhos, cada qual refletindo uma parte do trabalho e do pensamento da autora inglesa. As dezoito conversas acadêmicas passeiam pelas formas diversas de sua obra, contos, romances, ensaios, diários; passeiam por temas múltiplos, como as conexões de Woolf com os pensamentos de outros escritores, suas concepções estética e política e as associações que podem ser feitas a questões contemporâneas, a ecocrítica, suas provocações acerca da questão de gênero, as convergências de biografia e obra.

Jane Goldman nos acena com um lenço de seda literalmente marcado pelos estudos woolfianos para a despedida da leitura de *Conversas com Virginia Woolf*. Com coluna dorsal marcada pela palavra “peace” e modo experimental de arranjar as palavras colhidas pela professora no programa da “The Virginia Woolf, Europe and Peace Conference”, o poema “portable peace conference” e a nota que o acompanha fecham o ciclo de leituras/conversas do livro. Goldman nos acena com a paz – a paz que não é somente o oposto de guerra, como fala Goldman, mas sim um estado de contemplação produtivo essencial para o desenvolvimento da reflexão acadêmica; a paz que Woolf via possível em uma outra forma de sociedade e convivência refletida em muitos de seus pensamentos filosóficos e que talvez possamos resumir em uma frase do capítulo 7, ensaio de Gabriel Leibold: “cultivar a práxis de um mundo sustentável para o futuro de todos, homens e mulheres” (Leibold: 2020, p.137); a paz que convida ao convívio dos pensamentos para um possível rearranjar de sentido que permita aos interlocutores irem completando as lacunas de seus “poemas” nas conversas acadêmicas (ou em produtivas e enriquecedoras conversas à mesa de um bar).

Para a leitura destas *Conversas com Virginia Woolf*, um café ou um parque podem servir, leitor, mas bem recomendado seria um sofá todo seu. E já que estamos aqui conversando, sugiro: tenha à mão um lápis para suas intromissões nas conversas, para participar nas margens e deixar seus apontamentos ou contrapontos, realizando, assim, de maneira integral, a conversa como um método.

Referências:

BISHOP, Elizabeth. *Poemas escolhidos de Elizabeth Bishop*. Seleção, tradução e textos introdutórios de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FARIA, Carla Lento; PHILIPPOV, Renata. A atmosfera de “Kew Gardens”: considerações sobre o conto na obra de Virginia Woolf. In: PINHO, Davi; OLIVEIRA, Maria A. de; NOGUEIRA, Nícea. *Conversas com Virginia Woolf*. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020. p. 51-67.

FOUNTAIN, Gary; BRAZEAU, Peter. *Remembering Elizabeth Bishop: an oral biography*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1994.

LEIBOLD, Gabriel. Virginia Woolf escreve a paternidade. In: PINHO, Davi; OLIVEIRA, Maria A. de; NOGUEIRA, Nícea. *Conversas com Virginia Woolf*. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020. p. 122-138.

MARSHALL, Megan. *Elizabeth Bishop: a miracle for breakfast*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.

PINHO, Davi; OLIVEIRA, Maria A. de; NOGUEIRA, Nícea. *Conversas com Virginia Woolf*. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020.

Recebido em 30/03/2022.

Aceito em 30/05/2022.